



Aaron Fischer

Carlos Sotto Mayor

Cap. 7

# Aaron Fischer

CAPÍTULO 7

## ECONOMIA

– Os industriais estão nos esperando em uma sala reservada, em um outro andar do estádio. Vamos? – Gennis estava confiante, afinal aquele plano era seu.

– Tem certeza que isto não vai acabar acelerando tudo? – Balor ainda estava receoso. Seu amigo sempre fora um estrategista genial, mas seu maior defeito era confiar demais nas pessoas.

– Tenho! Eu conheço essa gente...

– Vamos então.

Gennis levou Balor até uma porta dupla, um pouco escondida, no próprio camarote, tirando uma pequena pedra circular do seu bolso, com uma única runa inscrita sobre ela. Ele a encostou contra um pequeno painel preto, ao lado da porta, fazendo com que a runa na rocha se iluminasse, e surgisse uma igual no painel. A porta se abriu automaticamente, e eles entraram em um elevador.

O elevador se abriu alguns andares acima, dando diretamente em uma sala de reuniões luxuosa, com uma mesa vermelha, de aparência futurista, em seu centro. Ao redor da elipse formada pelo móvel, sentados em cadeiras pretas, se encontrava um grupo bastante heterogêneo de homens e mulheres. Balor conseguiu reconhecer algumas das figuras proeminentes, como o dono do time Thunderstorms de Skabel, um dos homens mais ricos do império, magnata do setor minerador, além de outros negócios. Algumas figuras ele não conseguiu reconhecer, no entanto, foi surpreendido

por outras. Balor viu pelo menos dois Lordes Biorunicos, Elementais que vinham adquirindo cada vez mais força no submundo da capital, responsáveis por levar adiante experiências ilegais de melhoramento físico em Elementais e Comuns, se utilizando da tecnologia que misturava o poder das runas e do Sjal, com física e química, conhecida como Runetec.

Balor estava bem ciente da posição de Gennis com relação àquelas pessoas: ele as considerava verdadeiros monstros, o que só tornava mais estranha sua presença, no entanto, não teve tempo de perguntar nada, já que Gennis tomou a frente, para introduzi-lo:

— Boa noite senhores, agradeço a presença de todos aqui. Acredito que todos vocês conhecem o General Balor, então dispensarei as apresentações e pularemos direto para o assunto que viemos tratar, afinal, como bem sei, o nosso tempo é precioso. Passarei a palavra para Balor...

A maioria do grupo apenas balançou a cabeça, cumprimentando a dupla sem falar nada. Todos tinham olhares curiosos em seus rostos, esperando para ouvir o que Balor tinha a dizer.

— Boa noite senhores, como bem disse Gennis, nosso tempo é valioso, então serei direto com vocês. No entanto, antes de começarmos, preciso alertar a vocês, que os assuntos que irei tratar aqui são delicados, acredito que os jornais os chamariam de polêmicos. Não me entendam mal, não irei falar sobre nenhuma ilegalidade, mas conto com o compromisso e a descrição de todos para que este assunto não saia desta sala, para minha segurança e principalmente para a de vocês... – Balor fez uma pausa, deixando a ameaça subliminar no ar e analisando a expressão nos rostos dos presentes. – Os que

não estiverem dispostos a participar em tal tipo de conversa, dou a oportunidade de se levantarem e saírem neste momento, pois, depois que eu começar, estaremos todos no mesmo barco.

— O que você quer dizer com isso, Balor, o Infernal? Se vai nos ameaçar, seja direto. - Um dos Lordes Biorunicos sorriu sarcasticamente, mostrando seus dentes coloridos, cada um feito de uma rocha diferente e marcados por uma única runa, brilhando levemente. Seus braços eram próteses, feitas de um metal polido, com inúmeras runas marcadas, emitindo um barulho quase imperceptível toda vez que se moviam. Sua voz era estranhamente grave, para uma mulher.

Balor olhou para ela, seu semblante duro. Ele gostava de pessoas diretas como ela, e talvez aquela forma direta de tratar fosse extremamente efetiva no submundo. Mas ele sabia que, no jogo do poder, ser direto podia ser um crime punível com a morte, e que a dúvida plantada sempre germinava em oportunidades, no entanto, ele precisava firmar sua posição e seu poder.

— Não sou um homem de ameaças minha cara, sou um homem de ações. - Balor continuava a encarar a Lorde Biorunica intensamente, suas palavras reverberando no ar. - Então, alguém aqui quer ir embora? Esta é a última oportunidade.

O desconforto na sala era óbvio, mas menor do que ele esperara. Aparentemente, Gennis havia avisado a todos os presentes que não seria uma reunião qualquer.

Balor ficou calado, esperando, enquanto os industriais trocavam curtas conversas entre si, quando o que ele avaliou ser tempo o suficiente havia se passado e ninguém se levantou, ele sorriu satisfeito, antes de continuar:

— Pois bem, sejam muito bem-vindos. — Balor puxou o ar para seus pulmões, se preparando para o passo extremamente arriscado que estava prestes a dar. Passo que, para o bem ou para o mal, ele sabia que alteraria a paisagem política do Império de forma drástica. -... Como todos sabem, a Santa Igreja vem tendo cada vez mais influência sobre todas as decisões, não só do Marechal Yunt Kruk, como de todo o império, ganhando, inclusive, um prédio acima de nós, que substituiu o antigo Palácio do Imperador. As intervenções políticas realizadas pelos Sumo Sacerdotes vêm se provando desastrosas e tenho certeza que os senhores puderam sentir isto em seus negócios, das mais variadas formas, no entanto, nada se compara ao que eles, através da influência que têm com o Marechal Yunt Kruk, que parece ter caído em um fanatismo desenfreado desde o falecimento de sua esposa, estão tentando passar na Corte dos Generais e Almirantes.

Balor parou, dando tempo para que seus espectadores compreendessem o rumo que a conversa estava tomando, pois ele sabia que o que importava, era o que elealaria a partir daquele momento:

— Entrará em votação, daqui a duas semanas, no dia em que começará a Prova dos Elementos deste ano, a aprovação de uma nova campanha de expansão do Império e, conseqüentemente, a instauração de um imposto de guerra. — O burburinho e a inquietação na sala aumentaram instantaneamente com a menção das palavras “imposto” e “guerra”, mas ele sabia que aquilo não bastaria para que os industriais agissem para impedir que a campanha de expansão fosse aprovada. Na verdade, na visão de alguns, eles seriam até beneficiados, por isso, ele precisava de mais do que aquilo, ele precisava de um relativo caos, de uma inquietação maior, quanto mais tempo ganhasse, melhor. — Eu sei, eu sei...palavras tenebrosas, mas

fica pior. A verdadeira intensão desta campanha é uma expansão da fé, então não esperem que priorizemos territórios valiosos ou nações ricas, no entanto, acima disto tudo, como o segundo em comando do Império neste momento, eu estou aqui para lhes garantir, que o Império de Taur não está em condições financeiras, militares ou políticas de iniciar qualquer tipo de guerra, quem dirá uma expansão. Nós ainda estamos longe de nos recuperarmos da guerra civil que nos assolou quinze anos atrás, ainda somos apenas uma sombra do que éramos antes da Guerra dos Deuses Caídos, nossa economia, nosso exército, ainda precisam de mais estrutura... – Balor deixou as palavras do seu discurso entrarem e se plantarem na mente de cada um dos presentes, elas precisavam germinar frutos de medo e desconfiança. –... A meu ver, o único resultado possível para esta loucura, é o colapso do Império.

Fez-se um pesado silêncio, mas logo foi interrompido:

– Uma guerra seria muito boa para os negócios, para os meus pelo menos, mesmo que perdêssemos alguns territórios no final de tudo.  
– O dono do Thunderstorms de Skabel, conhecido como Jabri, falou pela primeira vez, sua voz calma e ponderada. – E esses impostos, eu tenho certeza de que podemos negociar os valores.

A sua fala veio acompanhada de algumas palavras de concordância por parte de outros industriais, assim como dos dois Lordes Biorunicos.

– Você não está entendendo Jabri, eu não estou falando em perder alguns territórios, eu estou falando em um colapso. Não se iluda, quando o Exército Imperial vir que a situação está crítica, ele não irá mais comprar os metais das suas minas, ou as suas tecnologias biorunicas – Balor apontou para os Lordes Biorunicos. – Ou o que

quer que seja que vocês vendam. – Balor apontou para todos os presentes. – O Exército Imperial irá tomar tudo, de todos, na tentativa de não perder a guerra... Eu não estou dizendo que não devemos entrar em uma nova guerra de expansão em um futuro próximo, eu só estou pedindo o apoio de vocês para que consigamos adiar estes planos, esta votação, para o momento certo, para quando tivermos os interesses do Império como foco e não os interesses da Igreja.

– Na verdade, pela sua conversa General, me parece que você quer um outro tipo de guerra. Uma guerra civil, que nos seria mais prejudicial do que qualquer tentativa de expansão. – Um dos industriais, que Balor não conhecia, foi quem falou. Um homem extremamente gordo, vestido em um terno branco. Seus dedos completamente cobertos por anéis, seu sorriso claro e malicioso.

No fundo, Balor sabia que aquele questionamento surgiria, afinal, estava lidando com alguma das pessoas mais espertas do Império. Era aquele o momento de se utilizar de meias palavras e omissões. Ele não mentiria, mas não poderia ser tão direto e sincero.

– Eu não tenho intenção nenhuma de arquitetar golpes ou de iniciar uma guerra civil, neste momento. Quero sim, diminuir o poder da Igreja dentro do Império e evitar uma tomada de decisão catastrófica por parte do marechal, mas quero fazer isso através da política, do lobby, e não das armas. – Ele não estava mentindo, sua intenção sempre fora conseguir seus objetivos de forma pacífica, no entanto, o que ele não estava contando era que se fosse preciso, ele não hesitaria em tentar um golpe e assumir o comando do Exército Imperial, e pela sua avaliação, estava cada vez mais claro que aquela era a única opção que lhe restava. – Por isso os chamei aqui, os homens e mulheres mais influentes que eu conheço, para que em

um esforço conjunto possamos atingir este objetivo.

O seu discurso parecia começar a fazer efeito, Balor podia ver várias cabeças balançando de forma afirmativa, concordando com suas palavras.

– E qual é o seu plano, general? – Jabri, havia assumido a posição de líder do grupo dos industriais.

– O primeiro passo é adiar esta votação, o segundo é reverter os votos a nosso favor, e com o apoio de vocês eu tenho fé que conseguirei fazê-lo. Sairei daqui diretamente para casa do General Vobben, a Morte, para começar a trabalhar nisto.

– Entendo, mas não podemos simplesmente dar nosso apoio, sem sabermos de mais detalhes... – Jabri contestou, sua voz se mantendo calma, como se discutissem algo trivial.

– Eu sei, não esperaria outra coisa, por isso Gennis e eu estaremos aqui para tirarmos suas dúvidas, atender seus pedidos... – Balor sabia que, além de uma boa causa, os industriais iriam pedir algo em troca dos seus apoios, os famosos favores.” ... E, caso aceitem, explicar de que maneira o apoio de cada um de vocês poderá ser aplicado da forma que mais ajude nossa causa.

Gennis aproveitou a deixa e voltou a endereçar sua fala a todos os presentes:

– Para podermos fazer isto de forma organizada, dando a oportunidade de cada um expor suas necessidades e mantermos o máximo de sigilo em nossas ações políticas e econômicas, iremos recebê-los individualmente. Foi entregue a cada um de vocês, quando chegaram ao estádio, uma pequena rocha, com runas marcadas, além de um

número que vai de “um” a “doze”. A partir de agora, nos chamaremos por estes números e não mais por nossos nomes, Balor sendo o número “zero” e eu o número “treze”. – Gennis fez uma pausa, para se certificar que todos haviam recebido suas rochas e entendido a mensagem. – Atrás de cada uma das pedras está gravada uma runa maior. Esta runa brilhará precisamente no horário e data gravados logo abaixo dela, para aceitar o convite, basta pressioná-la com seu polegar e você será transportado diretamente para o nosso local de encontro. Caso opte por não aceitar, basta ignorá-la, que em poucos minutos ela perderá seu brilho e se quebrará. – Gennis fez uma nova pausa, esperando todos virarem suas rochas. – ... Eu e Balor, os esperamos ansiosamente para discutirmos este assunto tão delicado e importante para o Império... Tomem este tempo para refletirem, para bolar ideias, formular pedidos que achem necessários, mas não esqueçam: independentemente de aceitarem ou não o convite, o que foi conversado aqui hoje, assim como a identidade de todos os presentes, não deverá deixar este círculo, para nossa segurança... – Ele apontou para si próprio e para Balor. – ...E, principalmente, para segurança de vocês.

## RUNETEC

Diferentemente de Lysmat, Marabor possuía uma beleza mais conservadora, com mansões encrustadas nas pedras da grande montanha, protegidas por muros baixos e enfeitadas por grandes jardins de flores mais acostumadas aos dias sempre frios da capital. A cidade conservava um charme invernal nas suas ruas inclinadas. Tudo com uma estonteante vista da planície cortada pelos seus grandes rios de águas calmas.

Marabor era mais mágica, no sentido literal da palavra. A cidade era movida por uma energia invisível, que possibilitava que o bondinho da cidade flutuasse acima do trânsito de pedestres e carros emitindo um brilho advindo das runas marcadas em sua lataria, que elevadores sem nenhum cabo ou trilho movessem os cidadãos entre os cinco platôs da cidade até a guarda da cidade, montava um animal que Aaron nunca havia visto, uma espécie de carneiro gigante, que conseguia saltitar pelas ruas da cidade, como se não pesassem mais do que uma pena e que Gent disse se chamar carneiro de nuvem.

Aaron apreciava tudo isso maravilhado da janela do carro que os levava serpenteando pela cidade até a casa do novo integrante do grupo, Gent. Pelo que ele havia entendido, a casa ficava no platô mais alto, reservado às pessoas mais importantes do Império.

Demorou algum tempo e muitas palavras e piadas de Gent para finalmente entrarem por um portão de ferro ladeado por um grosso muro, que dava acesso à enorme propriedade dos Storegeni.

Uma estrada de pedra, coberta por um arco de gigantescas sequoias, e iluminada por cristais presos em postes angulosos, em um estilo diferente, levava até o centro da propriedade, onde contornava uma grande escultura, na forma de uma espada fincada em uma engrenagem e voltava pelo mesmo caminho.

Atrás da grande estátua, estava a residência dos Storegeni, um palacete retangular, construído com grandes blocos de pedras claras, cortadas por diversas janelas verticais finas, feitas de vidro e ferro indo de um lado a outro da enorme fachada.

Aaron mal podia acreditar o quão grande era aquilo. O belo jardim da propriedade era maior do que a Vila do Arpão inteira.

Gent os levou direto até seu quarto, um cômodo enorme e completamente bagunçado, com a cama encostada na parede oposta a porta, entre duas das grandes janelas da residência. As janelas iam do forro ao chão, que por sua vez, era feito de uma madeira escura e envernizada.

Não se podia ver mais nenhum móvel no aposento, a não ser no seu centro, onde se formava uma espécie de minisala, em um declive circular. As paredes do quarto eram cobertas por quadros de jogadores de fissureball e personalidades do mundo Elemental, além de bandeiras dos Marabor Firehorses, destoando completamente do ar clássico da casa.

A pequena “ilha”, formada pelo declive circular, possuía vários puffs espalhados, além de um sofá em forma de meia lua de aparência extremamente confortável. Uma mesa, feita de uma única tora de madeira, ocupava o centro do círculo, estando parcialmente coberta por papéis e invenções inacabadas do dono da casa.

Enquanto Gent ia na frente, Aaron falou baixo para Aurea de forma que ele não ouvisse, sua voz carregada de sarcasmo:

– Vocês todos moram em casas assim?

– Não. E minha casa é bem menor que essa. O problema é que o carinho aí – ela apontou para Gent – é o herdeiro da maior fortuna do Império.

– Hmm... – Aaron ficou olhando para Gent, tentando dimensionar o tamanho da sua riqueza. Um pouco irritado por Aurea sempre ter as respostas na ponta da língua.

O novo integrante do grupo deixou algumas coisas em sua mesa de cabeceira e voltou para onde seus amigos o esperavam:

– Podem ficar à vontade, os sofás são bem confortáveis! – Aurea e Aaron se olharam e deram de ombros. Gent não esperou que eles se sentassem e já voltou a falar enquanto procurava por algo em meio àquela bagunça – eu tenho umas coisas aqui para mostrar a vocês! Como seu pai disse, pensei em umas estratégias gerais para nós...

– Calma, Gent! – Aaron já estava indo à loucura com quantidade de informação fornecida a toda hora pelo anfitrião. – Antes disso tudo, vocês não acham que nós devíamos descobrir os pontos fortes e fracos de nós três? Afinal é extremamente importante conhecer as habilidades um dos outros se vamos trabalhar em equipe. – Aaron ainda estava curioso para entender os poderes de Aurea, os quais ele havia apenas tido um pequeno vislumbre durante a batalha na mansão, e Gent era uma incógnita, afinal ele parecia estar bem fora de forma.

– Tem razão! – Gent ainda não havia encontrado o que procurava.

– Eu também acho, mas como vamos fazer isso? – Aurea estava olhando ao redor da sala impressionada com quantidade de coisas espalhadas.

– Acho que o jeito mais simples é se cada um falar seus poderes e as habilidades que achar relevante para o teste. – Gent finalmente parecia ter achado o que estava procurando e olhava com orgulho para um objeto azul translúcido do tamanho de um dedo e com a forma de uma gota. – Quem começa?

Aaron foi o primeiro a falar seus poderes e habilidades, deixando de lado propositalmente, o seu poder da armadura. Por mais que Balor e Gennis fossem amigos, Balor havia omitido as origens de Aaron e o avisado para que não revelasse nada:

– Eu não sou tão complicado. Como Aurea já sabe, tenho minha força e velocidade muito melhorados, além de ser extremamente eficiente em várias formas de combate. – Até Aaron pareceu um pouco surpreso, por quão curta era sua lista de poderes, fazendo com que se perguntasse por um segundo, porque tanta gente estava atrás dele, o que aquela armadura tinha de tão especial?... O que tornara seu pai biológico tão poderoso?

– ... Constructos de energia, que posso modelar basicamente da maneira que eu quiser, para diversos fins.

Aaron pegou as palavras de Aurea pelo meio, sendo trazido de volta de seus pensamentos, mas antes que conseguisse pedir para que ela repetisse sua explicação, Gent falou:

– Mas Aurea, você esque... – Um rápido olhar de Aurea, bastou para que Gent se calasse e tentasse mudar de assunto, sem jeito. – ...

Esqueceu de me perguntar os meus poderes.

Gent tinha um sorriso amarelo, olhando de Aurea para Aaron, com cara de quem sabia que tinha feito besteira.

– Poderes secretos... Quão Elemental de você... – Um silêncio desconfortável ameaçou pairar no ar após as palavras de Aaron, mas foi cortado por Aurea:

– Ser chato... quão Aaron, de você. – A garota fez uma imitação, ridicularizando o seu tom de voz, antes de voltar a falar normalmente, com um sorriso travesso no rosto. – Vai Gent, conta os seus poderes a ele.

Gent se levantou animado:

– Você, Aaron, deve estar se perguntando o que é que essa porra desse gordinho sabe fazer de útil, mas aí é que tá meus amigos, o gordinho aqui é foda! – Aaron e Aurea não conseguiram ficar sem rir – Meu poder é a criação de campos eletromagnéticos, através dos quais eu posso controlar o metal e uma certa forma de eletricidade, porém eu tenho muito pouco Sjö, então a quantidade de metal que consigo manipular ao mesmo tempo é pequena. Aí você pensa: “então ele só serve pra dar uns choques de pilha nas pessoas”, mas não! Meu pai, que tem o mesmo poder que eu, teve a ideia genial de utilizar esse poder na criação e manipulação de objetos tecnológicos e eu segui seus passos. Hoje em dia, eu falo que meu poder é a tecnopatia, ou seja, manipulação da tecnologia! Eu sei que pode não parecer tão legal, mas é bem útil... e lucrativo. Além disso, eu tenho memória eidética completa, já li todos os livros e quase todos os materiais disponíveis sobre técnicas, estratégias e história de guerra, guerrilha e todos os tipos de combate, além de ter lido livros sobre quase tudo

e de ter um QI de mais de 250. Acho que essas são minhas maiores qualidades. Porém, minha aptidão física, e meu combate corpo a corpo são um lixo. Ou seja, deixem a teoria comigo e a prática com vocês.

— Acho que formamos uma equipe até decente para as circunstâncias... Agora, quais são as estratégias que você já montou para a Prova dos Elementos, que seu pai comentou, Gent? – Aaron não estava muito impressionado com os poderes dele, apesar de ter se divertido com a explicação. Pelo que ele tinha entendido, Gent era basicamente um megagênio.

— As minhas estratégias são mais diretrizes do que estratégias, mas vamos lá: – Gent tomou fôlego, se preparando para falar. – Como em todos os anos, foi permitido aos participantes da Prova dos Elementos que se levasse pelo menos três objetos pessoais ou do arsenal da escola, eu pensei em cada um de nós levar um tecido desenvolvido pelas empresas do meu pai. Ele é bem maleável e fácil de prender em qualquer superfície, assim, poderíamos dormir nas árvores, o que já eliminaria muitos perigos e poderíamos dormir mais tranquilos. Além disso, temos isso aqui – ele mostrou o objeto azul em forma de gota.

— E o que é isso? – Aurea parecia curiosa.

— Eu chamo de A Gota, por razões óbvias.

— Sim, mas o que ela faz?

— É um projeto meu, a princípio ela apenas filtrava qualquer tipo de água, tornando-a própria para o consumo, mas eu fui adicionando várias coisas e hoje seria mais fácil perguntar o que ela não faz.

- Impressionante! – Até a filha do general estava surpresa.
- Eu sei! – Gent tinha um sorriso engraçado no rosto – Mas aí é que entra a última estratégia que montei. Com isto aqui – Gent tamborilou seus dedos na Gota. – Podemos ficar perto do mar e sempre ter uma fonte de água potável. Além disso, eu e Aurea podemos montar armadilhas para garantir nossa alimentação.
- Se vamos ficar perto do mar, eu posso pescar, afinal cresci pescando todo dia. – Aaron, estava começando a ganhar confiança no plano de Gent.
- Então, gostaram das minhas ideias?
- Eu gostei muito, acho que elas nos darão uma base muito boa. – Aurea respondeu com confiança.
- Eu sei que falando assim parece pouco, mas se vocês pararem para pensar, se fizermos essas duas coisas que eu disse, já teremos noventa por cento dos nossos problemas de sobrevivência resolvidos. Nos mantendo longe do chão durante a noite, o risco de ataques por animais e mesmo de outros Elementais cai drasticamente. Tendo uma fonte infinita e pouco disputada de água potável, nossas chances disparam de uma forma que vocês não imaginam. O que nos resta na parte de sobrevivência é conseguir alimento, e para isso, nós três temos uma boa habilidade. Aurea caçando, eu desenvolvendo armadilhas e Aaron pescando.
- Mas temos que lembrar que o teste não é só sobreviver, é atacar também. – Aurea demorou um pouco para continuar – mas acho que já temos um bom começo! – E exibiu um dos seus sorrisos largos.
- É isso! Acho que devíamos inventar um nome e um grito de guerra

pro nosso grupo, na verdade eu já a...

– ... Calma Gent. De jeito nenhum, nós vamos ter uma coisa dessas!

– A filha do general não parecia estar brincando!

– Ma...

– Não Gent, de jeito nenhum, isso não está aberto para discussões!

– Tá bom, vou abrir mão por enquanto, mas eu sei que com o tempo vocês vão se convencer!

– Eu acho difícil você conseguir convencer ela disso! – Aaron soltou um comentário sorrateiro, alfinetando Aurea.

– Eu vou. Pode acreditar! Ah! Eu quase ia esquecendo um pequeno detalhe... – Gent voltou a abrir um sorriso traquina, antes de continuar.

– Para fazer A Gota funcionar durante toda a prova, eu vou precisar da ajuda de vocês.

– Como assim? – Aaron sabia que aquilo estava bom demais para ser verdade.

– A Gota é feita de Tecnologia Rúnica, por isso, eu teria que “carregá-la” com meu Sjä, com minha energia, todos os dias. O problema é que ela demanda uma quantidade absurda de energia e, como eu disse, eu não tenho tanto Sjä.

– Então você precisaria que nós a carregássemos para você? – Aurea parecia estar entendendo o que Gent estava falando, mas para Aaron, o garoto estava falando uma língua completamente desconhecida.

– Mesmo para vocês, eu acredito que seria uma tarefa extenuante... mas, por sorte, eu tenho uma solução mais fácil! Nós só precisamos

roubar de volta, um conversor rúnico que foi roubado da minha garagem... na verdade, a garagem inteira foi tomada, mas o que realmente importa é esse conversor! – Gent sorria para eles, como se tudo que ele falasse fosse óbvio e fizesse sentido.

– Eu não estou entendendo nada do que você está falando, tecnologia rúnica, conversor rúnico, não sei o que é isso. O que eu sei é que isto não está me cheirando nada bem. Se foi roubado e você têm todo esse dinheiro, por que você simplesmente não pede um novo de presente ao seu pai?

Aurea apenas olhou para Gent, com uma expressão de quem via sentido no que Aaron estava falando.

– Calma, vamos começar do começo. Você não sabe o que é Tecnologia Rúnica? – Gent tinha um tom de estranhamento em sua voz.

– Não Gent, eu não sei. Na Vil... – ele se conteve antes que errasse. -... No orfanato de Trakto nós não tínhamos nada que pudéssemos chamar de tecnologia...

– Entendi... Desculpa, esqueci da sua origem.

– Como você esqueceu? Ele fica nos lembrando toda oportunidade que tem. – Foi a vez de Aurea alfinetá-lo.

– Desculpa senhorita Balor, se eu era pobre e estou aqui em sua presença. – Aaron aproveitou para devolver a chacota, se utilizando de um jeito de falar formal e sarcasticamente reverencioso.

– Ah, garoto... – Aurea revirou os olhos, tentando demonstrar sua impaciência, mas existia ali, um fundo de divertimento mal escondido. -... Vai Gent, explica aí!

Gent riu, percebendo o clima, mas continuou sem fazer nenhum comentário, ansioso para explicar sobre tecnologia rúnica, seu assunto preferido:

– Então, você já viu os cristais que usamos para iluminar as coisas certo? Aqueles cristais que flutuam e emitem luz própria?

– Sim, já os vi. – Aaron os tinha visto pela primeira vez na casa de Kuma, e aquilo o impressionara, no entanto, os cristais já não surtiam o mesmo efeito nele.

– Originalmente, aqueles cristais eram naturais, retirados de uma rocha chamada Luminita. Eram extremamente caros e difíceis de conseguir, até que, há alguns milhares de anos, inventou-se o artesanato rúnico, que consiste em gravar objetos com runas, que funcionam como comandos para o Själ que for colocado naquele objeto. Por exemplo, os cristais de iluminação de hoje em dia, são feitos com uma variedade de pedras baratas e Comuns, com as runas de comando “iluminar” e, em alguns casos, “flutuar”. Como são pequenas pedras, a quantidade de energia, de Själ, necessária para fazê-las emitir luz e flutuar são ínfimas, por isso, com poucos segundos, um Elemental consegue “carregar” um cristal de iluminação com energia suficiente para durar horas. Entendeu o que é artesanato rúnico?

– Na verdade, mais ou menos. Você simplesmente marca os objetos com estes símbolos e eles fazem o que você quiser? – Aquela explicação estava deixando Aaron bastante interessado, mas um pouco cético.

– Não, claro que não. Existe todo um processo, é, literalmente uma arte. O artesão precisa infundir seu próprio Själ enquanto faz as marcações das runas, além de precisar conectá-las com o material,

fazê-las funcionar entre si, quanto mais runas, mais difícil... Enfim, é um processo bem complexo, demoraria horas para eu explicar aqui. Inclusive o básico de runas é matéria obrigatória na Escola para Elementais de Lysmor, e eles oferecem o avançado como opcional!!

— Entendi!! – Aaron se imaginou estudando aquilo e por algum motivo ele não conseguia formular a imagem em sua cabeça. Pouquíssimo tempo atrás, no que parecia ter sido no milênio passado, no dia da designação de ofícios na Vila do Arpão, ele pensara consigo mesmo, com toda a certeza do mundo, que aquele seria seu último dia entrando em uma sala de aula.

— Certo. Agora, imagine se precisássemos mover um trem, ou um carro com esta conversão direta do artesanato rúnico? A quantidade de energia seria absurda, seria necessária uma quantidade impraticável de pessoas para que estas coisas funcionassem. Então, para solucionar este problema, se criou a tecnologia rúnica, conhecida como runetec, que consiste em transformar outros tipos de energia em energia rúnica, em Sjal. Por exemplo, o trem que vocês tomaram de Lysmat até Marabor, ele era obviamente mágico, rúnico, flutuando e andando a uma velocidade alucinante, seria impossível se conseguir isso com um simples motor a vapor e seria necessária uma quantidade grande demais de Elementais para fornecerem Sjal o suficiente. Então, o que a tecnologia rúnica faz é unir os dois, convertendo a energia térmica gerada por diversos motores a vapor em energia rúnica, para que seja possível que o trem flutue e corra na velocidade que ele corre. E o que permite que esta energia térmica seja transformada em energia rúnica são os popularmente chamados conversores rúnicos. Entendeu o que é tecnologia rúnica?

— Entendi... você explica muito bem, inclusive, mas no meu limitado

conhecimento de física, não faz muito sentido. Você acabou de dizer que os motores a vapor não poderiam, por si só, gerar energia o suficiente para fazer o trem flutuar e se mover a velocidade que ele se move...

Gent pareceu um pouco surpreso pelo questionamento de Aurea, o que só o fez se animar ainda mais para respondê-lo:

— Você teria razão se estivéssemos falando de qualquer outra energia, mas o Sjal, a energia rúnica, funciona de forma diferente, existem inúmeras peculiaridades na forma que ela age, mas para resumir a explicação: se fôssemos utilizar um simples motor a vapor para fazer o trem flutuar e se mover, a energia gerada pelo motor seria dissipada inúmeras vezes por todo o sistema mecânico e em todas as vezes que fosse transformada em energia potencial, térmica e assim por diante, sem falar do atrito e todos os problemas externos que afetariam toda a troca de energia, além do fato de que seria necessário todo um sistema magnético para fazer o trem flutuar, enfim, só pelo que eu falei, já dá para ver a quantidade de fatores que diminuem drasticamente a eficácia do motor a vapor puro e simples. Já a energia rúnica, além de todas as suas peculiaridades, que não respeitam a física como conhecemos, não sofre toda esta perda e dissipação, ela trabalha de forma direta, ela faz o trem flutuar e se mover, ela não faz uma roda do trem rodar em atrito com o trilho, ou expulsa energia gerando um efeito contrário que faz com que o trem se mova, ela simplesmente move o trem, entendeu?

Aaron coçou a cabeça, tentando fazer seu cérebro raciocinar:

— Acho que sim... - Aaron tentava imaginar todas as aplicações da tal tecnologia rúnica. Os bondinhos que ele havia visto flutuando,

assim como os elevadores de Marabor, deviam ser movidos a isso.

– Que explicação complexa! Mas Aaron, imagine o Sjal como uma energia mágica, acho que é mais fácil de entender e é o que todos os Elementais que não são gênios fazem. – Aurea abriu um sorriso simpático, mas ela sabia que se deixasse, Gent iria até o outro dia explicando cada detalhe. –..., Mas Gent, só não entendi ainda, o porquê de você não pedir um conversor rúnico de presente ao seu pai.

– Calma, eu vou chegar lá. Os conversores rúnicos são específicos, e cada indústria de tecnologia rúnica guarda a sete chaves a forma como constroem seus conversores.

– Como assim, específicos? – Aurea perguntou, demonstrando que nem ela entendia tão profundamente sobre tecnologia rúnica.

– Cada conversor serve para um tipo de energia, ou seja, existe um conversor para converter energia térmica, outro para converter energia elétrica e assim por diante.

– Entendi. – Aurea continuou a olhar para ele, esperando que ele continuasse.

– Certo... O motivo do meu pai ter se tornado o homem mais rico do império, é que ele inventou um conversor, que consegue transformar todo tipo de energia em energia rúnica, o que obviamente significa que os conversores das Indústrias Storegeni são infinitamente mais eficientes e, modéstia à parte, melhores do que os da concorrência. Eu peguei um destes conversores do meu pai e comecei a fazer alguns experimentos nele, na minha garagem, tentando fazer com que o conversor reaproveite toda a energia gasta por mim, a energia

do sol, a energia dinâmica e assim por diante de forma automática, funcionando como uma bateria infinita para a Gota. Ou seja, diferente do conversor do meu pai, ele seria como um para-raios de energia, atraindo e convertendo toda energia disponível ao seu redor, por menor que seja, em energia rúnica.

– Se ele atrair energia a todo momento e você não usar a Gota para dissipá-la, ele não vai sobrecarregar e explodir? – Aurea voltou a questionar a física da coisa.

– Eu uso matéria demoníaca para consumir a energia rúnica, de forma a balancear a equação e deixar a “bateria” sempre cheia...

– De verdade, é muito interessante tudo que você falou até agora, mas ainda não entendi o porquê de você não pedir um a seu pai e fazer as mesmas modificações que você fez no que foi roubado. – Aaron estava realmente encantando pela explicação detalhada de Gent, mesmo ele sendo tão prolixo. No entanto, ele não respondera, ainda, a sua pergunta.

– Vocês são impacientes demais! – Gent riu, sabendo que se demorara em sua explicação, mas ele sentia um prazer imenso em falar sobre aquele assunto. – Aurea, você já passou tempo demais carregando um cristal de iluminação?

– Já, claro!

– O que acontece?

– Ele estoura na sua mão... – Aurea respondeu sem entender direito onde ele queria chegar.

– Exato, ele explode na sua mão, por causa da sobrecarga, mas é

algo pequeno, que no máximo vai dar um susto em você, porque a quantidade de Sjal que a pedra consegue armazenar é muito pequena. Mas imaginem o que pode acontecer se algo com capacidade para armazenar Sjal o suficiente para erguer um trem do chão e transportá-lo a centenas de quilômetros por hora, sofresse uma sobrecarga, ou fosse danificado...

– Uma explosão gigantesca... – Aaron completou o pensamento.

– Exato!!! Trabalhar com conversores é bem complicado e vários protocolos precisam ser seguidos para fazer modificações, eu precisaria de alguns meses para conseguir replicar o que eu havia feito no conversor que está na minha garagem, por isso eu preciso da ajuda de vocês para tomar minha garagem de volta!

– Tomar sua garagem de volta? – Aurea repetiu as palavras de Gent desconfiada.

– É uma longa história...

– Resume, por favor, Gent!! – Aurea tinha um sorriso amarelo no rosto, de quem não queria ser grossa, mas já estava sendo.

Gent apenas riu antes de falar:

– Meu pai não gosta que eu faça experimentos sem supervisão e ele é um saco com todas as medidas de segurança e tal, não me entenda mal, eu amo trabalhar com ele, mas de vez em quando eu gosto de ser um pouco mais... criativo!!! – Gent tinha uma expressão travessa em seu rosto. – Por isso, eu comprei uma garagem no subterrâneo da capital, com meu dinheiro e escondido do meu pai, claro. Lá eu posso fazer meus experimentos sem ser incomodado por ninguém, mas vocês ficariam surpresos com a quantidade de dinheiro que é

necessária para se manter esse tipo de coisa, então fui obrigado a vender algumas das minhas invenções para poder sustentar o lugar, sob o pseudônimo de Morcegão, e logo, a Garagem do Morcegão, como eu apelidei o lugar, virou um dos maiores vendedores do Quinto Nível, tão bom, que o Lorde Biorunico que comanda o lugar, conhecido como O Momo, decidiu invadir para roubar minhas invenções e me tirar da concorrência!

– Quinto Nível? – Aaron perguntou, tentando entender.

– É o nome do bairro, da área na verdade. Não se pode chamar aquilo de bairro, mas é o penúltimo andar mais fundo do subterrâneo de Marabor, abaixo dele fica o lixão, conhecido como Gargantua ou boca do inferno. Enfim, além de me ajudarem, e se ajudarem, já que a Gota é essencial para a nossa estratégia, eu imaginei que pudesse ser uma forma de nos entrosarmos, de treinarmos para a Prova dos Elementos. Eu já tenho todo o plano arquitetado, mas dependo de vocês. E aí, topam?! – Gent abriu um sorriso animado, seus olhos pulando entre Aaron e Aurea, esperando suas respostas.

– Eu não topo. Obrigado. – Aaron não podia deixar de se ver na Vila do Arpão novamente, planejando uma brincadeira inocente.

– Está com medo Aaron? – O simples fato de Aaron não querer participar, pareceu levar Aurea para o lado de Gent. Ela iria perder a oportunidade de provocá-lo.

– Eu só não vejo sentido em roubarmos uma bomba relógio de um lorde bio não sei o quê, que provavelmente vai vir atrás da gente depois, querendo nos matar. Fora que já deve ter capangas e guardas desse cara lá na tal Garagem do Morcegão... Aliás, que nome merda!

– Aaron fechou a cara, percebendo a provocação de Aurea.

– Vamos Aaron, não é como se fosse ter um exército lá. Além disso, como Gent disse, é uma peça essencial para a nossa estratégia.

– Não é só sobre o conversor. Para que arriscar nossas vidas, para roubar algo que o pai dele produz? – Ele apontou para Gent, sua voz um pouco mais alta do que o normal. – Ou porque nós não pedimos ajuda do seu pai ultramegapoderoso?! – Ele finalizou apontando para Aurea.

– Iiih... essa conversa está parecendo o cocoricado de uma galinha, Aaron. Você, o durão da periferia, criado em orfanato, vai ficar para trás de dois filhinhos de papai?! – Aurea riu, se divertindo com suas provocações.

– Vamos Aaron, eu garanto que o risco é pequeno. Eu tenho o plano perfeito, além disso, nossos pais não nos ajudariam nessa, o máximo que íamos conseguir era ficar de castigo!

– Ok. Eu vou, mas só para esfregar na cara de vocês depois. E outra, se der merda, é cada um por si. – Aurea conseguira tirá-lo do sério, sua velha e rápida raiva dando as caras novamente. – Conta aí seu plano!!

## CLÃS

Dryke estava sozinho, como sempre, no topo da árvore mais alta da propriedade do Clã Mirtar, apreciando o sol se pôr atrás das longínquas e gigantescas montanhas, conhecidas como Titãs. Dormindo em seu colo, tranquilamente, estava o seu melhor amigo, um animalzinho conhecido como zver, um mamífero parecido com um urso de pelúcia, de pelagem avermelhada, marcado por diversas cicatrizes adquiridas nos vários treinamentos e serviços que haviam feito juntos. Dryke o nomeara de Revz, apesar do seu pai haver proibido que desse nome as suas criaturas.

Sua irmã já deveria ter retornado de sua missão há dois dias, no entanto, ela continuava desaparecida, sem fazer contato e todos já esperavam o pior. Ele não sabia para qual missão ela fora designada, só sabia que era algo do alto escalão, estava animada quando partira, indo até seu quarto para lhe dar um beijo de despedida.

Seu coração estava apertado, mas ele ainda se apegava a esperança. Sua irmã era extremamente talentosa, ela não morreria assim tão fácil, ele sabia que ela conseguiria dar um jeito de voltar. No entanto, seu pai já havia tomado todas as precauções e ações, dando Laina como morta, e estava em um humor mais irritadiço do que o normal. Já sua mãe, mantinha um rosto impassível, como se nada tivesse acontecido mas, no fundo, Dryke sabia que ambos sofriam profundamente.

Seus pais eram pessoas estranhas, fechadas. A criação dele e de suas duas irmãs havia sido quase algo profissional, crianças criadas como robôs para suceder o Clã Mirtar. Para a maioria que olhasse de

fora, veria a relação da família como abusiva, com todos os castigos físicos e treinamentos extenuantes impostos desde a infância, e Dryke sabia muito bem que realmente era, no entanto, ele nunca conseguira desenvolver nada além de amor por seus familiares, tentando sempre ver aquilo como os seus pais querendo seu melhor.

A mais velha das suas irmãs, Zival, era o prodígio da família, a joia dos olhos dos seus pais. Ela já ocupava uma posição de liderança no clã, sendo considerada por todos a herdeira do comando. Ela era uma mulher orgulhosa e de temperamento explosivo, sendo responsável por vários dos abusos que ele e Laina haviam sofrido, já que seus pais estavam fora de casa a maior parte do tempo. Os seus abusos físicos e verbais deixaram algumas cicatrizes nos seus irmãos mais novos mas também fizeram com que se unissem e desenvolvessem uma relação única de amor e carinho, quase como irmãos normais.

— Jovem mestre, seu pai o está convocando com urgência no salão da mansão principal.

O tom de voz mexido com que o servo comum falava, fez seu coração se apertar ainda mais:

— Laina? – Sua voz transmitia uma calma que ele não possuía naquele momento.

— Receio que sim... – O servo desviou seu olhar, voltando-o para o chão.

Dryke desceu da árvore com agilidade, Revz agarrado a seus ombros em um abraço apertado, como se quisesse consolá-lo. Seu poder permitia que ele se comunicasse e controlasse os animais. Isso, somado à sua criação, havia feito com que suas criaturas se transformassem

em seus melhores e, praticamente, únicos amigos.

Assim que tocou no chão de terra escura da floresta, Revz se transformou de sua forma pequena e fofa em uma besta musculosa, seus pelos adquirindo uma tonalidade mais escura. Na sua forma primal, Revz se parecia com um urso de quatro metros de altura, extremamente musculoso. Seu focinho era mais curto e seus dentes maiores, suas garras e dedos assim como suas pernas e braços eram mais longos, sua força equivalia a de trinta ursos, sua pele e seus pelos grossos formavam uma espécie de armadura e ele se movia a uma velocidade que nenhum animal não rúnico poderia atingir.

Em poucos minutos, eles haviam percorrido a distância até a mansão principal, uma gigantesca construção de madeira, empoleirada entre duas grandiosas árvores. O estilo arquitetônico era fluído, quase como se as árvores houvessem crescido e formado aquela estrutura naturalmente. Revz, reverteu a sua forma normal e voltou a se agarrar em seus ombros, enquanto ele subia correndo as intermináveis escadas que davam na porta de entrada do salão.

O salão da mansão principal estava estranhamente vazio, todos os móveis haviam sido retirados, e no centro, rodeado por apenas quatro pessoas estava um belo caixão, feito de madeira maciça, envernizada, gravada com detalhes e formas que traziam uma paz de se olhar.

— Laina... – Dryke sabia que não deveria demonstrar emoção em público, muito menos na frente de seus pais, no entanto, ele não fora capaz de se segurar diante da imagem de sua irmã deitada, um fino véu envolvendo o seu corpo coberto de lindas flores até o seu tronco. Ele conteve as lágrimas e tentou formular suas palavras sem

engasgar-se. -... Há quanto tempo ela chegou?

Todos os quatro se viraram para ele, seus semblantes duros, no máximo demonstrando um certo nível de irritação, seu pai, sua mãe, sua irmã e sua avó. Foi sua avó quem respondeu, uma mulher grande, de cabelos brancos presos em um coque e pele morena marcada pelo sol. Ela fora líder do clã até alguns anos atrás, sendo sucedida por seu pai. Uma mulher dura, que Dryke nunca havia visto demonstrar nenhum tipo de emoção ou sentimento para qualquer pessoa.

— Faz algumas horas. Estávamos fazendo a autópsia e investigando o corpo, por isso só pedimos que o chamassem agora.

— O que aconteceu? – Ele não conseguia sentir raiva, apesar da situação e da indiferença com que a avó tratava o assunto.

— Precisamos conversar, Dryke. Está na hora de você assumir uma posição de maior destaque dentro do Clã Mirtar. Os outros membros virão amanhã pela manhã para o enterro, mas antes, preciso conversar com você.

— Isso não pode esperar, pai? – Dryke estava incrédulo, aquilo só aumentava seu sofrimento. – Laina acabou de morrer, deixe-me olhar para ela, me despedir.

— Este tipo de coisa não vai mudar em nada os fatos. Infelizmente ela não conseguiu completar sua tarefa e agora está morta, ossos do ofício.

Dryke balançou a cabeça em sinal de negação, mordendo seu lábio numa tentativa de controlar suas emoções.

— O que vocês querem de mim?

– Que você entre para a família, de verdade. – Foi sua irmã quem respondeu, recebendo um olhar de desaprovação de seu pai e de sua avó.

– O que você quer dizer com isso, Zival? Eu já faço todas as tarefas e missões que vocês me passam, completei todas sem cometer nenhum erro e mesmo assim, você não me considera parte da família de verdade? Então Laina não é sua irmã, não é filha, neta de vocês porque ela falhou em sua missão, ou eu e ela simplesmente nunca fomos?... Sempre tentando nos provar para vocês, conseguir a aprovação de vocês. Eu matei, roubei e sequestrei por vocês, apenas para agradar vocês, e vocês sabem muito bem disso, então não me venha falar merda diante do caixão da única pessoa que demonstrou algum tipo de carinho e afeto dentro deste inferno de casa. – Aquele discurso estava preso em seu interior desde sua infância. Havia muito mais para falar, inúmeros traumas, mas ele conseguiu se conter. Seus surtos emocionais eram raríssimos, não lembrava a última vez que falara o que realmente estava sentindo.

– Zival, se retire por favor. – Sua avó falou, sua voz não deixando espaço para discussão. Quando sua irmã passou pela porta, ela voltou a falar. – Dryke, eu sei da conexão especial que você tinha com Laina e, por isso mesmo, iremos lhe oferecer a oportunidade de se vingar, de vingar a sua família, o seu clã. O que Zival quis dizer com “entrar de verdade para a família” é que está na hora de você ver atrás da cortina, de saber o porquê, o quem, o onde, os efeitos dos nossos contratos, dos nossos serviços. Está na hora de aproveitar todos esses sentimentos reprimidos, de colocá-los para fora, desta vez não só por nós, mas por Laina e, principalmente, por você mesmo. Você está pronto para isso, meu garoto?

Apesar de tudo, de toda sua vida, de todo o sofrimento que eles haviam causado a Dryke, eles sempre conseguiam reverter suas decepções, internalizando-as, fazendo-o se sentir culpado por senti-las, sempre buscando a aprovação daquela maldita família.

— Deixem-me em paz, deixem eu me despedir da minha irmã...

— Não tem problema, nós sairemos, te deixaremos. – O tom de voz de seu pai, deixava claro o quão desprezível ele achava aquele tipo de sentimentalismo. – Só acho importante que você saiba que Laina fez questão de ser ela a levar este serviço adiante...

Dryke demorou, usando toda sua força de vontade para não perguntar, ele sabia que aquilo era uma armadilha. Se tinha uma coisa que sua família fazia melhor do que matar eram seus joguinhos emocionais. Ele ouviu a maçaneta da porta girando e aquilo pareceu quebrar todo seu esforço, atrair toda sua atenção, fazendo com que se virasse:

— Por que ela fez questão de pegar este serviço?

Seu pai se virou, um semblante de satisfação em seu rosto:

— Porque foi esse serviço quem garantiu o seu lugar, Dryke, no grupo de Kracht Kruk, o filho do Marechal, na Prova dos Elementos.

A culpa lhe invadiu, fazendo seu coração acelerar. O ar parecia não chegar aos seus pulmões. Ele caíra na armadilha e ele sabia que, por mais que tentasse, não conseguia sair daquele círculo vicioso.

— O mínimo que você pode fazer por nossa querida Laina é se vingar.  
– Sua mãe falou pela primeira vez desde que ele entrara no salão.

Em sua avó e seu pai, Dryke conseguia sentir a malícia, as intenções

misteriosas por trás daquele jogo. Mas em sua mãe, ele só conseguia sentir a raiva, pura e brutal.

Dryke abaixou a cabeça derrotado:

– O que vocês querem de mim?

– Queremos que você olhe atrás da cortina. Você está pronto? – Sua avó adquirira um tom solene.

– Sim... – ele respondeu desamparado.

– Pois bem, te levaremos para além das cortinas então. – Ela apertou seus ombros, em uma tentativa desajeitada de demonstrar apoio, enquanto balançava a cabeça para o seu pai, como se autorizando que ele contasse.

– Através de muita articulação política, nós conseguimos te colocar como candidato ao grupo do filho do Marechal Yunt Kruk. Você sabe quão valioso para nós seria uma parceria mais forte e duradoura com o comando do Exército Imperial, algo impagável, os serviços, o poder, tudo que qualquer clã de assassinos poderia sonhar... Como condição, o marechal nos impôs um serviço, de extrema dificuldade: deveríamos sequestrar a filha do General Balor, O Infernal, para que ele pudesse usá-la como moeda de troca para uma votação de suma importância, na Corte dos Generais e Almirantes. Em duas semanas poderíamos soltá-la e tudo estaria resolvido, no entanto, como pode ver, Laina não conseguiu completar sua tarefa e acabou brutalmente assassinada no processo. Para piorar, acreditamos que ela revelou tudo para o General em uma tentativa de escapar da morte certa, mas foi enganada, ludibriada...

– Como vocês podem saber disso? – Dryke o interrompeu, não se

importando com a cara feia que ele lhe devolveu.

— Fizemos a autópsia... Ela possui ferimentos de batalha, queimadura, mas estes ferimentos não eram mortais e não podiam ser feitos pela adaga fincada em seu coração, que foi o que a levou a óbito. No entanto, um corte autoinfligido na palma de sua mão foi feito pela mesma adaga, somados ao fato de existirem sinais de tortura no corpo, além de ela ter feito uma promessa eterna logo antes de morrer, nos fizeram deduzir que ela contou tudo que sabia.

Dryke ficou em silêncio, encarando os olhos do seu pai, que esperava que ele falasse algo. Imagens de sua irmã sendo torturada invadiam sua cabeça involuntariamente.

Sua avó tomou a fala, antes que o silêncio se estendesse demais:

— Além disso, o General nos mandou um recado, tentando nos intimidar, mas não deixaremos isto barato.

— Como um ataque a filha do segundo homem mais importante do Exército Imperial não chegou aos jornais? – Aquele questionamento, quase aleatório, veio a sua cabeça.

— Aparentemente o próprio Balor impediu que o acontecimento fosse divulgado... – Sua avó respondeu com calma.

— Então não temos mais um acordo com o Marechal Yunt Kruk?

— Não... Assim que constatamos o acontecido, entramos em contato com o Marechal e ele começou a se mover para resolver o problema que Balor se tornou... Nosso acordo ainda está de pé, ele só estipulou novas condições para que se realizasse, entre elas, que você assassine Aurea Balor durante a Prova dos Elementos.

— Eu seria desqualificado da prova... e para que fazer isto, se quem matou Laina foi o próprio Balor? – Dryke não estava entendendo a lógica por trás daquilo tudo. Ele sabia que sua família não agia com base na emoção.

— Ser desqualificado da prova não é nada, nós mesmo cuidaremos da sua educação! Não se preocupe com algo tão pequeno, uma guerra está para começar Dryke, Balor não deixará o ataque a sua filha sair impune, e a confiança é tudo em uma guerra. Assassinando Aurea Balor, nós damos um aviso para todos que pensarem em se aliar a ele e nós acabamos a guerra antes mesmo de ela começar. Se ele não consegue proteger a própria filha, como irá proteger seus aliados?!... Nossa vingança será completa, SUA vingança será completa, eliminando a família Balor.